

CONVERSA SOBRE ALFABETIZAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA

Fabiana Giovani¹
Luiz Carlos Cagliari²

O seguinte texto tem o formato de uma entrevista entre a Fabiana e o Cagliari, discutindo algumas questões importantes relacionadas ao processo de alfabetização hoje, quando o Brasil ainda está sofrendo o doloroso processo de acabar com a pandemia causada pelo Covid-19. Ambos são membros do GRUPA – Grupo de pesquisa de alfabetização no Brasil³.

1. - Pergunta: *Quais os impactos do Coronavírus para as crianças que estão em idade de alfabetização?*

Giovani: Segundo um levantamento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), mais de 1,5 bilhão de jovens estão sem aulas no mundo inteiro devido à pandemia de Covid-19, Os números representam 87% da população mundial impactada pelo fechamento de escolas, em 165 países. A alfabetização das crianças é uma área sensível que certamente está sendo afetada pela pandemia do Coronavírus, afinal, milhares das crianças estão fora da escola e isto, como estamos vendo, está ocorrendo no cenário mundial e não só no contexto brasileiro. Uma parcela deste público está com acesso ao sistema de aula remoto (online) mas, pensar no processo de alfabetização em frente a uma tela de computador também tem seus prejuízos. No Brasil é possível questionar qual é o acesso à internet que a população em geral possui. E nos casos em que há o acesso, como garantir a qualidade no processo de alfabetização,

¹ Professora no Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: fabiana.giovani@ufsc.br

² Professor no Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP (Araraquara, SP). Email: luiz.cagliari@unesp.br

³ O GRUPA - Grupo de pesquisa de alfabetização no Brasil -, cadastrado na plataforma Lattes do CNPq, é liderado pelos professores Luiz Carlos Cagliari e Gladis Massini-Cagliari. Até o momento, o GRUPA conta com 82 integrantes, entre professores e alunos, de várias universidades brasileiras, com atividades desenvolvidas em 23 áreas relacionadas com questões teóricas e práticas de alfabetização.

uma vez que os professores não estavam preparados para a nova realidade? A experiência nos mostra que em alguns casos, mudou o ambiente físico, mas as aulas continuam as mesmas. Como garantir a atenção de crianças em torno de 6/7 anos em frente ao computador por quatro horas diárias? Evidentemente essas questões implicam diretamente na aprendizagem das crianças. O contexto exige que os familiares estejam mais presentes mediando o processo. E no caso das famílias mais pobres que não possuem contato significativo com a cultura letrada? Enfim, não há respostas definitivas, mas certamente não só o processo de alfabetização, mas a educação escolar como um todo terá outro tom, com uma multiplicidade de cores, após este período muito novo e inesperado para todos nós.

Cagliari: O Coronavírus trouxe o Covid-19, que não é uma brincadeira. Não vou falar do absurdo comportamento do governo brasileiro perante uma epidemia, porque o chefe achava que era apenas uma gripinha e morrer gente? Sim morre gente todos os dias. Hoje, depois de cinco meses em isolamento, a tevê anuncia mais de 90.000 mortes de pessoas que morreram e que estavam infectadas pelo vírus. Vou me concentrar em três coisas importantes, neste momento. 1) O fato de as crianças irem à escola é uma boa coisa; mas, neste momento, elas estão mais protegidas. Porém, com os contatos na escola, podem levar o vírus para casa e complicar a vida dos pais e dos avós. Eles têm tempo para se alfabetizarem, mas os velhos precisam sobreviver! 2) Eu pensei e até fiz alguma coisa para ajudar as pessoas (inclusive as crianças) a aprenderem um pouco mais sobre como ler e escrever. Porém, não achei condições de levar adiante esse projeto. Por outro lado, pelo que pude observar, não houve nenhuma iniciativa concreta e adequada nesse sentido. A televisão mostra que as pessoas andam fazendo coisas incríveis com música e jogos, mas não há atividades lúdicas de alfabetização. Parece que ninguém acha a escola uma instituição que vale a pena fora dos muros da escola. 3) A escola ainda é do tipo “faça segundo o modelo”. Acha que livro didático tem que ser detalhado ao ponto de dispensar os alunos de atividades mais originais e criativas. Com isso, apesar de a televisão brasileira exibir muitos documentários excelentes, as pessoas (e as crianças) não os veem. Isso mostra que o brasileiro não aprende fora da escola. Televisão para muita gente é só uma forma de lazer. Não falo dos celulares, mas eles substituem a televisão. Mas, são usados para quê?

2. – Pergunta: *Como avaliar a questão das alternativas tecnológicas aplicadas a esta fase em que as crianças se encontram no período de alfabetização?*

Giovani: Em tese, lidamos, na modernidade, com crianças nascidas em uma era digital. É muito mais difícil para nós, por exemplo, sujeitos ‘analógicos’ nos adaptarmos ao mundo digital dos jovens do que vice-versa. Vejo o meu filho de um ano passar o dedo no celular para interagir com o que está na tela. O outro filho de seis anos joga games como, por exemplo, Minecraft e sinto dificuldades em compreender a lógica e dinamicidade ali presente. Gee, um autor envolvido com os estudos dos Novos Letramentos, argumenta que os bons *videogames* incorporam bons princípios de aprendizagem, apoiados pelas pesquisas atuais em Ciência Cognitiva, e os lista: identidade; interação; produção; riscos; customização; agência; boa ordenação dos problemas; desafio e consolidação; “na hora certa” e “a pedido”; sentidos contextualizados; frustração prazerosa; pensamento sistemático; exploração, pensamento lateral, revisão dos objetivos; ferramentas inteligentes e conhecimento distribuído; equipes transfuncionais e performance anterior à competência. Aos argumentos de Gee, podemos acrescentar que as crianças em fase de alfabetização vêm de uma vivência letrada por mais simples que seja ela e, portanto, se adaptam com facilidade ao mundo tecnológico. Por outro lado, os professores não têm formação tecnológica e estão se vendo em papo de aranha para ‘transmitir’ suas aulas online. A formação pedagógica do professor o preparou para trabalhar com outro tipo de tecnologia: quadro, giz, livro didático. Como então fazer uma live? Dar aula no novo espaço na sala online todos os dias e para ‘ontem’? A tecnologia está disponível a todos, sejam professores e alunos, mas isso não basta. O importante é a escola saber fazer uso dessa tecnologia em seu favor.

Cagliari: Aqui também quero destacar duas coisas: 1) Logo após a II Guerra Mundial, os cientistas começaram a procurar uma tecnologia de reconhecimentos de fala. Durante a guerra, conseguiram fazer funcionar a chamada fala sintética, produzida por máquinas. Isso dura até hoje nos indesejáveis “robôs” da Internet e das redes sociais. A inteligência artificial, que veio em paralelo, logo deixou as pessoas estabelecerem uma “conversa amigável”. Eu mostrei isso para muitos alunos que acharam “o máximo” conversar com

um robô de verdade. Aos poucos, os computadores começaram a reconhecer um tipo especial de fala. Por exemplo, a pessoa manda abrir a porta do carro usando uma senha falada e a porta abre. O Google implementou um programa extraordinário que consegue reconhecer a fala “comum”. Bem recentemente, disponibilizou o “ditado” de reconhecimento digital da fala, passando esta para a escrita e corrigindo possíveis erros de ortografia (e de gramática!). Depois de 75 anos, o mundo mudou muito. Não é incrível uma criança aprender a escrever falando no Google, vendo o que acontece? Ou o contrário: escreve um texto e o Google corrige! O aluno compara o que fez com o que o Google fez e pode ver como se escreve ortograficamente o que fez. Essas são maravilhas tecnológicas que a escola desprezou e despreza em favor de metodologias ultrapassadas.

2) A segunda coisa tem a ver com a resposta da pergunta anterior. Hoje, as crianças vivem em dois mundos diferentes: em um castelo chamado escola, onde o mundo anda muito devagar e, no Brasil, está há anos atrasado. O outro mundo, da casa, da rua, extra-muros escolares, encontram mergulhados numa realidade digital *high-tech*, aprendendo via Internet coisas que a escola não é capaz nem de sonhar com um professor perdido entre dois mundos e uma política educacional perdida entre o que fazer e o que não fazer, para continuar tudo como antes. Reconheço também, que há muito esforço de escolas públicas e particulares no sentido da modernização tecnológica para o ensino e a aprendizagem. Mas, os órgãos que gerenciam a educação nacional sabem disso?

3. – Pergunta: *Como avalia as políticas públicas atuais voltadas para a alfabetização?*

Giovani: Sabemos que as políticas públicas de um modo geral seguem a linha da politicagem propriamente dita, de modo que se muda o governo, mudam-se os programas governamentais. Especificamente na área de alfabetização, em 2019, o Caderno da Política Nacional de Alfabetização (PNA) lançado pelo MEC não traz nomes fundamentais de pesquisadores brasileiros com pesquisas significativas na área como, por exemplo, Luiz Carlos Cagliari, Magda Soares e Paulo Freire. Considero injusta esta omissão. Em 2020, o MEC lançou um curso de formação denominado “Tempo de Aprender”. O argumento é o de que a nova abordagem se pauta em evidências científicas. Os nossos pesquisadores referência no campo da pesquisa continuam apagados, infelizmente. Certamente, ao pensar em alfabetização em nosso país - independente da

política pública vigente - é dialogar com i) Cagliari que desde a década de oitenta nos mostrou a fundamental relação entre alfabetização e linguística; ii) Soares sobre as questões envolvendo letramento; e, iii) Freire que amplia a leitura da palavra para a leitura de mundo. A questão é que enquanto políticas vêm e vão, professores, gestores, pesquisadores, militantes continuarão vivos e presentes no fazer de cada dia nesse front da alfabetização. São estas as pessoas legitimadas para refletir para além do que traz a política pública da vez e da moda. Como reflete Martins (2019), *“o que não adiantará mesmo será tratar os professores como seres passivos e sujeitos aos diferentes vendavais teóricos, que ora os lançariam para um lado, ora para outro. Eles não são massa de manobra. Vão reagir criticamente e saberão, sim, se servir de metodologias – que em parte já conhecem, talvez com denominação diferente”* para realizarem o seu trabalho com a alfabetização e a educação em geral.

Cagliari: Esta questão tem a ver também com a pergunta que vem logo depois. Uma coisa que falta aos gestores do processo de alfabetização é, entre outras, conhecer a história da alfabetização. Desde a invenção da escrita, surgiu a necessidade de as pessoas se alfabetizarem. Então, ao longo de 4.000 anos, o que fizeram? Os antigos se alfabetizavam? Temos inúmeros documentos escritos por crianças, por escravos e por todo tipo social de pessoa ao longo desses milênios. Então, o que aconteceu? Se os gestores não sabem do que estão falando e legislando, então, não é possível sequer estabelecer um diálogo. Desde o meu começo de trabalho com alfabetização percebi isso e vi que era impossível qualquer discussão porque não havia pontos em comum discutíveis. A partir do século XX, de modo mais exato, com a ideia de que a alfabetização era fundamental para todo cidadão, os governos começaram a se preocupar em como alfabetizar uma nação com pessoas de todo nível econômico e social. Assim como no século XIX, a Europa descobriu que ter escravos africanos era fácil e barato para implantar um sistema econômico capitalista (todos trabalham, mas poucos ganham o suficiente, enquanto o dono (um senhor feudal moderno) se enriquece cada vez mais...), com o advento da escola para todos, o capitalismo logo percebeu que se todos se educassem num grau elevado de saber, o capitalismo teria que rever suas regras. Um bom exemplo está acontecendo agora. Com a pandemia do Covid-19, a situação econômica afetou a todos, os ricos e os pobres. Ficou claro que em países com grande

desenvolvimento científico e tecnológico, superar uma pandemia é menos difícil. Em países de baixa educação e sem preparo científico e tecnológico, a mão de obra barata ficou irrelevante e todos passaram a perder (empresas e trabalhos). Com milhões de pessoas passando fome, vivendo da “caridade” do governo de “empresários” assustados com o que aconteceu com suas vidas, o que se conclui é que um país como o Brasil, de fato, nunca entendeu o verdadeiro sentido da palavra Educação. Como se pode educar uma criança dizendo que a Terra é plana, que o Covid-19 é uma “gripezinha”, que o criacionismo é verdade porque é a palavra de Deus, escrita num livro cheio de problemas de todos os tipos? Está na hora de começar a envolver as crianças nas questões científicas e tecnológicas. Aprender a ler tudo a ver com a Linguística Moderna, uma forma moderna e científica de estudar a linguagem.

4. – Pergunta: *E como pensar na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) no que se refere à alfabetização?*

Giovani: A leitura que faço é a de que o documento da BNCC mantém os principais pressupostos teóricos presentes nos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), porém incorpora mudanças. Reconheço como fator positivo o documento reconhecer que a apropriação do sistema alfabético de escrita tem especificidades, colocando-o como foco principal da ação pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Pauta-se numa concepção de linguagem interacionista, reconhecendo que a mesma materializa-se em práticas sociais, com objetivo e intenção. Por essa razão, estabelece a centralidade no texto como unidade de trabalho e indica a necessidade de sempre considerar a função social dos textos utilizados. Além desse lugar, reconhece que o planejamento deve trazer atividades que permitam aos alunos refletirem sobre o sistema de escrita alfabético (estudar, por exemplo, as relações entre sons e letras e investigar com quantas e quais letras se escreve uma palavra, e onde elas devem estar posicionadas ou como se organizam as sílabas). A minha crítica ao documento está em transpor todas estas questões à proposição de competências e habilidades. Em minha visão, uma prática concreta, real e significativa envolvendo linguagem não pode limitar-se ao desenvolvimento de competências e habilidades. Como prever ‘o que ensinar’ a partir do que os alunos devem desenvolver a cada etapa de educação básica? Se adquire a

habilidade e competência de ler um conto não preciso mais ler contos? A construção do conhecimento deve ser pautada em estudo e construção de conhecimentos que vão muito além de meras competências e habilidades já que estas supostamente se encerram em sua aquisição.

Cagliari: Em primeiro lugar, a BNCC, como muitos manuais e tratados de pedagogia, traz um discurso edificante, com ideias gerais de bom senso e de aparente motivação científica e educativa, voltadas para todos os tipos de pessoas. Não se discutem essas ideias. A questão começa a se complicar quando esses trabalhos do governo assumem certas posições científicas duvidosas, como já aconteceu com os trabalhos de Emília Ferreiro que trouxeram o caos para a alfabetização. Com um discurso de certezas absolutas e equivocadas, quem faz a educação na escola acaba se encontrando em contradições e em exigências estranhas para cumprir o que é exigido como programa inflexível, contra todo bom senso pedagógico, sobretudo, tratando-se do processo de alfabetização. Orientações gerais ajudam e ajudam muito se forem cientificamente corretas e metodologicamente exequíveis. Porém, ensinar a ler e a escrever está mais para uma tarefa maternal de interação do que para provas e semelhantes. Então, conclui-se que o professor bem formado, reconhecido pelo seu trabalho e com condições adequadas é o começo e o fim de toda ação pedagógica escolar. Obras como a BNCC têm uma preocupação errada do governo. Como ele não acredita no professor, dá a ele um script para ser encenado. A BNCC é um manual para ser aplicado, mesmo quando diz o contrário aqui e acolá. O conjunto da obra é o problema, o que acaba sendo feito a partir das orientações do governo e de todo o processo educativo nas escolas. A prova disso é que, desde a metade do século XX, com todas as leis, decretos, projetos e etc., os resultados sempre foram pífios. Nunca se concertaram os problemas da educação com imposições governamentais. Somente os professores, os bons professores podem conseguir isso. Cabe ao governo dar as facilidades e oportunidades para os professores cumprirem de modo profissional e competente o que devem fazer. Por último, ainda resta fazer uma discussão séria sobre o que seria a competência profissional de um bom professor alfabetizador.

5. – Pergunta: *O que dizer sobre a alfabetização no contexto de educação domiciliar como defende a ministra Damares?*

Giovani: No Brasil, neste momento político, o texto da Medida Provisória (MP) que trata da educação domiciliar está em fase de elaboração e tem seus defensores como, por exemplo, o presidente Bolsonaro e a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Trata-se de uma modalidade de ensino em que os pais ou tutores responsáveis assumem o papel de professores dos filhos. Assim, o processo de aprendizagem dessas crianças é feito fora de uma escola. Eu nunca tive dúvidas de que cabe à escola o trabalho com a educação escolar das crianças e jovens. Esta conquista é um direito assegurado em lei e que não podemos perder. No entanto, se tivesse alguma dúvida, a situação de pandemia tem servido para reafirmar as minhas certezas nesse sentido. Sou uma pesquisadora do campo educacional e tenho pesquisas desenvolvidas na área de alfabetização. Com um filho de seis anos em seu primeiro ano escolar, gostaria de ter a possibilidade de ser mãe espectadora do que ele vivencia na escola. Não é isso que está acontecendo. O papel de mãe e professora estão se misturando. Não consigo assistir a forma como a professora tem conduzido as aulas online e acabo interferindo na mediação com o meu filho. Não queria assumir este papel se tivesse opção de escolha. Acredito e defendo a escola como instituição autorizada e legitimada para desenvolver o conhecimento. Além disso, outras variáveis entram em cena: questões estruturais, controle (ou não) de abordagens e conteúdos de ensino e, principalmente, a questão da socialização que é um ponto também contemplado pela escola. Já dizia Bakhtin que é no convívio com o outro que eu me constituo. O quanto torna-se empobrecida essa relação ser limitada ao espaço de casa. Além disso, sabemos que a alfabetização, por exemplo, é um processo que exige um conhecimento sobre linguagem que, muitas vezes, o próprio curso de Pedagogia – responsável pela formação de professores alfabetizadores – não traz de forma eficiente. Vejo, nesse sentido, um hiato entre os cursos de Pedagogia e Letras. Particularmente, as duas áreas afins contribuíram para a minha formação de professora alfabetizadora. Dessa forma, se a escola já apresenta suas limitações quando pensamos no processo escolar, imagine as famílias tomarem essa responsabilidade para si.

Cagliari: A questão da educação familiar, fora da escola é um problema antigo e já foi resolvido de várias maneiras. Como os resultados foram ruins no mundo moderno, a escola passou a ser abrangente e obrigatória. Do ponto de vista social e econômico é uma necessidade imprescindível hoje. A religião, muitas vezes, se intrometeu na educação das famílias, porque via que, fora da família, as pessoas acabavam conhecendo outros mundos, inclusive religiosos e contra a religião que apavoravam as famílias que só pensavam na beatitude de uma vida além da vida. Religião e guerra sempre andaram de mãos dadas. A concepção militar do governo brasileiro atual mais as ideias religiosas de seus correligionários adotam um sistema de governo específico que está longe de ser o que a civilização moderna e atual pratica. Felizmente, na prática, nem toda família é assim e, portanto, pode decidir melhor qual tipo de educação pode esperar e passar para seus filhos. Mas, a realidade familiar brasileira também mostra que é comum os pais não terem uma formação cultural minimamente suficiente para substituir uma boa escola. Isso se reflete não apenas em saber ler e escrever, mas em saber usar esses conhecimentos para melhorar a vida individual, da família e da nação num processo cooperativo de avanço civilizatório, tornando melhor a vida na Terra, que é onde a vida começa e acaba. Por outro lado, muitas coisas educativas podem ser feitas em casa, em complementação ao que se faz na escola. Pessoalmente, acho fascinante poder assistir uma quantidade imensa de excelentes documentários sobre todas as coisas. São conhecimentos que não vão para a escola porque a escola não tem lugar nem tempo para isso. É um processo familiar, ou seja, caseiro de aprender. Há algum tempo cheguei mesmo a dizer que as pessoas aprendiam mais e melhor assistindo na escola os documentários que vemos na televisão porque muitas crianças não têm acesso a esses recursos em casa. Porém, isso exige uma reestruturação muito grande do que entendemos por escola e, sobretudo, por educação.

6. – Pergunta: *Quais os desafios da alfabetização no contexto atual?*

Giovani: Acredito que o pós pandemia vai exigir uma nova leitura da alfabetização e da educação de um modo geral. Cancela-se o ano letivo? Consideram-se as aulas remotas - as quais muitos alunos sequer tiveram acesso – válidas e contabilizadas no ano letivo? É fato que projetamos o futuro de um lugar no presente e a partir do que o passado nos deixa como herança cultural. Neste caso da pandemia, não temos como fazer essa projeção, já

que não temos memória dessa situação vivida. Então, aliado aos desafios que já enfrentávamos com relação ao processo de alfabetização - envolvendo as suas dificuldades, às políticas públicas na área que apresentam agora uma nova formação através do curso disponibilizado pelo Ministério da Educação “Tempo de aprender” - deverão ter outros mais. Ou seja, se já tínhamos um movimento do MEC com o lançamento de um programa com o propósito de ‘sanar’ as deficiências da alfabetização como ordem da vez, imagine o que poderá acontecer com o período de pós pandemia! O que vão sinalizar os dados estatísticos quanto a essa população de 6 a 8 anos que se encontra agora no período de alfabetização? Apesar de não vislumbrar nada muito novo em nosso horizonte, penso que o nosso papel é continuar estudando: seja o professor que está à frente do trabalho com as crianças, seja o pesquisador que está em seu gabinete, mas com um trabalho de reflexão não menos importante. Além do diálogo necessário para o novo porvir, penso que, para falar em alfabetização, é preciso resgatar uma outra palavra chave: a sensibilidade. Não é possível lidar com um processo tão importante na vida de uma criança, sua entrada no mundo da escrita, sem sensibilidade. Um professor que olha para os seus alunos e não os vê de verdade não vai conseguir atingi-los. O mundo da criança é singular, lúdico e único. A sensibilidade me permite fazer parte dele. Ao menos com meu filho, estou tentando buscar caminhos para fazer com que o processo de alfabetização seja menos pesado – apesar das enormes listas de palavras sem sentido algum– do que é.

Cagliari: Detectar um problema é um bom começo, mas não garante que será resolvido. As questões de educação escolar são desse tipo. Não é difícil detectar erros e problemas, o difícil é como resolver isso. Eu admiro o esforço de todos aqueles que batalham para melhorar a educação, mas só isso não basta. É preciso, antes de tudo, olhar também o mundo da educação com uma visão científica, fruto das pesquisas comprometidas com a busca da verdade. Um grupo de cerca de duzentos cientistas levou dez anos de trabalhos, precisou de centenas de milhões de dólares, para conseguir tirar uma foto. Mas agora sabemos que os buracos negros não são mais fruto de especulação teórica, mas uma realidade no Universo. Nós sabemos como alguém aprende a falar? a decifrar uma escrita? a escrever um texto a partir do nada? Essas questões têm sido investigadas de a Antiguidade. Toda pessoa parou alguma vez para pensar como fala, como pensa, como

usa a linguagem? Apesar disso, ainda estamos procurando a foto reveladora dessa realidade em sua dimensão mais essencial. Com os estudos neurolinguísticos, de semântica cognitiva, de inteligência artificial estamos indo muito longe nos conhecimentos sobre a mente como nunca imaginávamos. O contexto atual de educação geral, incluindo de modo particular aqui a alfabetização, exige uma revolução na concepção de educação, nos objetivos, nos gestores e agentes por causa de como estamos entrando em uma nova era de conhecimento do mundo. O mundo que vejo nas fotos de microscópios eletrônicos jamais foram imaginadas há poucas décadas passadas. Como usar um manual de ciências de décadas atrás se já não entendemos o mundo do mesmo jeito? Como alfabetizar hoje, usando teorias e metodologias antigas, se nosso conhecimento sobre o assunto nos levou para um mundo novo, com recursos novos dados pelas tecnologias atuais. O mundo atual nos leva facilmente a imaginar que estamos no portal de entrada numa jornada de ficção científica. Esse é o mundo que vai levando a civilização para frente na história da Humanidade. Todavia, é preciso também ver a realidade socioeconômica de mais da metade da população da Terra que vive um outro mundo, uma outra realidade, não agradável e sem condições sequer de desconfiar que a miséria da vida são o que lhes resta. Somente a ciência e a tecnologia que vem da cultura escolar, desde os primeiros anos, podem mudar o mundo. Somente educando bem, desde a alfabetização, podemos mudar o mundo.